

Na exposição figura ainda um grande monólito paralelepípedo, que provavelmente corresponde a um marco de separação de território entre os bens do concelho de Penamacor e o senhorio da Bemposta, pertencente à Ordem dos Cavaleiros Templários. Trata-se de um exemplar datado dos séculos XIII ou XIV, gravado com a cruz patada adotada pela referida Ordem em meados do século XII, mas que continuou a ser usada após a sua extinção. O crescente lunar, que ainda faz parte do brasão penamacorense constitui um motivo antigo, contemporâneo dos exemplares decorados com motivos solares, sendo mais representado em estelas da região meridional galaica e do norte de Portugal, em contextos datados dos séculos I a IV, cronologia proposta pelos registos epigráficos e iconográficos associados; podemos ainda interpretar a cabeça de touro como símbolo identificativo de linhagem ou de poder.



CAPELA DE S. SEBASTIÃO

O acervo expositivo deste núcleo museológico integra um conjunto de objetos – fundamentalmente aras com inscrições romanas e estelas funerárias – cuja proveniência se desconhece, mas que se investem de relevante importância histórica, constituindo indicadores cronológicos interessantes no que respeita às diferentes fases de ocupação humana do território que hoje compreende a aldeia da Bemposta, bem como no contexto regional.

É justo salientar que este núcleo expositivo resulta, em primeiro lugar, da preocupação manifestada pelos autarcas e cidadãos da freguesia da Bemposta relativamente à guarda e conservação de um precioso conjunto de bens arqueológicos em perigo de deterioração ou mesmo de descaminho; depois, valeu o bom entendimento entre a Junta de Freguesia da Bemposta, Diocese da Guarda, por intermédio da Fábrica da Igreja, e Câmara Municipal de Penamacor, que financiou a obra e forneceu o suporte técnico necessário. Deste modo se acautelou e valorizou não só aquele património, como se recuperou e se devolveu ao uso público um edifício de grande simbologia para a freguesia.

MORADA: Capela de S. Sebastião / Rua de S. Sebastião

6090-281 Bemposta / Penamacor

MARCAÇÃO DE VISITAS: Tel.: 934 272 067 / 969 655 018



NÚCLEO MUSEOLÓGICO DA BEMPOSTA



COFINANCIADO POR:



INSCRIÇÕES ROMANAS DA BEMPOSTA

Documentam as inscrições romanas achadas no termo de Bemposta um bem sugestivo processo de aculturação entre a população preexistente e os romanos recém-chegados.

Assim, os nomes de pessoas estão escritos em Latim, mas resultam da latinização de nomes correntes, de significado concreto; por outro lado, mantém-se o culto à divindade protetora do local, Bandis Isibraia, o que denota inteligente espírito de tolerância por parte do povo romano.

Temos, por conseguinte, dois tipos de inscrições: as funerárias, com o epitáfio e a identificação dos defuntos; e as votivas, expressão do cumprimento, de livre vontade, da promessa feita à divindade.

De notável, o facto de o epíteto da divindade nos informar de que a Bemposta romana era identificada mediante um nome seguramente aparentado com Isibraia, palavra cujo exato significado nos é, porém, desconhecido: pode tratar-se do nome dos habitantes pré-romanos (os Isibrai-os?) ou o do local. A título de exemplo, veja-se que o texto de um desses ex-votos reza, em latim, que Cílio, filho de Câmalo, cumpriu o voto a Bandi Isibraiegui (assim vem identificada a divindade). O dedicante está nomeado como era hábito entre os indígenas: um só nome seguido do do pai – como hoje ainda amiúde acontece em meios pequenos onde toda a gente se conhece.



AS ESTELAS DA BEMPOSTA

As estelas discoides expostas pertencem a dois grupos distintos. Nos exemplares mais comuns, medievais e tardo-medievais, encontram-se gravados quadrifólios rebaixados e cruzes gamadas simples ou inscritas em círculos, relacionadas com o conceito de movimento, da passagem do tempo, e, simbolicamente, com a duração da vida ante e post-mortem. Outro motivo recorrente, a estrela de cinco pontas ou pentalfa inciso, representa uma fonte de luz, o centro místico símbolo do microcosmo e do ser humano regenerado, sendo ainda modelo do conceito de perfeição num mundo envolto em trevas.

A maioria dos exemplares são muito raros em contextos arqueológicos nacionais, mostrando uns, em baixo relevo, motivos em espiral, círculos concêntricos, simples ou raiados, e, outros, incisões lineares geométricas ou

divergentes. Estes modelos decorativos são representações simbólicas ligadas à luz e ao conceito de eternidade, que remetem também para a forma do disco solar, constituindo o tipo mais arcaizante das estelas aqui apresentadas. Os conjuntos de círculos fechados asseguram ainda a proteção contra a influência nefasta de espíritos maléficos. A maior parte das estelas apresentam decoração em ambas as faces.

Recuperadas fora do seu local de origem, as estelas são de difícil atribuição, quer quanto à sua cronologia quer no que respeita à comunidade que as produziu, embora as mais antigas se possam integrar no período tardo romano (sécs. V a VIII), considerando-se também que possam ser de origem indígena posterior à romanização.

Silvina Silvério

